

O espelho te recompensa, poeta: a pele constricta e o tom rosado da juventude. Recém fizeste a barba, e, ato contínuo, as tuas mãos, vigorosas e gêmeas, esfregaram loção pelas maçãs do rosto e pelo queixo. Tendo a muitos prazeres renunciado, te apegas a este de sentir o líquido fresco e azul selar teus poros abismais, arrefecer-te as rugas e, sobretudo, tornar-te um ser masculinamente perfumado. Eis o primeiro e quase sempre único prazer de cada dia. Em momento tão especial, quando roubas ao passado os contornos definidos do teu rosto – e, por que não dizer, o vigor das pernas e a rigidez dos músculos –, já nem recordas que o banho esteve frio, e torna-se irrelevante o desgosto de vestires uma camiseta puída. Também passa à condição de pormenor o constrangimento em ergueres os braços, por causa das grandes e crônicas manchas de suor na camisa que começas a vestir. Gostarias – e como! – de usar camisas novas, sentir na pele a discreta textura da cambraia levemente engomada, abotoar-te com botões de madrepérola. Nas circunstâncias atuais da vida, entretanto, o importante é que estás limpo e cheiras bem,

e até ousas pensar que, podendo comprová-lo nesta hora, talvez houvesse ainda fogo sob as cinzas umedecidas do teu sexo. Agarras-te a este momento quase perfeito, que sabes fugaz. E ele foge, no exato instante em que tua mulher entra no banheiro e, sem um “bom-dia” ou um “por favor”, inicia suas próprias abluções e deflúvios matinais.

Qualquer homem ficaria enojado com a desgrenhada cena; ainda mais tu, um esteta, e justo num raro momento de íntima felicidade. Há anos, porém, deixaste de pedir à tua mulher que batesse na porta antes de entrar, ou que esperasse te aprontares, ou que viesse antes de ti ao banheiro. É o prazer dela, te afrontar:

– Reclama! Vamos, reclama! – desafia a medusa, o olhar atravessando o espelho. – Estou só esperando!

Não, poeta, não reclamarás. Antes o rancoroso silêncio do que ouvires, pela milésima vez, o rol dos teus fracassos como homem e provedor:

1. *a casa*: sempre moraram de favor; primeiro, em duas peças construídas nos fundos do terreno de teus pais; agora, na casa da falecida mãe dela. Isso sem referir o apartamento do Morro de Sant’Ana, o qual foste incapaz de quitar;

2. *ainda a casa*: é uma vergonha pagarem ao irmão dela – também herdeiro da finada – o miserável aluguel que pagam, insuficiente até mesmo para a mulher dele preencher, com chocolates, a cárie de um dente (a vulgaridade, convém frisar, é de tua mulher);

3. *o banheiro*: se a porta não tem chave nem tranca, é por um gesto de respeito à desencarnada, a qual sempre teve medo de ficar presa naquele gabinete escatológico;

de modo que, por séculos que passem, jamais a filha permitirá o desrespeito ao pânico materno;

4. *o carro*: um Gordini bordô de segunda mão, que conseguiste comprar à vista nos bons tempos do magistério e que foste obrigado a vender quando ruiu o teu estúdio de aulas particulares;

5. *o estúdio de aulas particulares*: bem arranjado numa sala no centro da cidade, era a semente de um curso pré-vestibular. Depois do primeiro e gordo dezembro, teu sócio fugiu com uma aluna e com o dinheiro. O Gordini dissolveu-se em multas, tintas e pincéis quando tiveste de entregar a sala alugada e assumir, sozinho, não só o peso, mas também o preço de um novo fracasso;

...

99. *os filhos*: por culpa tua, a família jamais se alegrou com risos infantis, e os sapatinhos tricotados por tua sogra para os netos que não vieram permanecem expostos na cristaleira, quais relíquias de ilustres antepassados.

*É como se mamãe ainda estivesse aqui*, seria o passo seguinte, a voz subitamente infantil te perseguindo até à cozinha.

*E está, sim, em todo tempo e lugar*, reclamas em silêncio, enquanto ligas o rádio e dás início ao preparo do café.

Sentes tua mulher às costas, entrincheirada no batedor da porta, aguardando que lhe ofereças combate. Não o farás. Ela mantém o desafio, mas somente até o locutor anunciar que a temperatura, neste momento, é de quatorze graus. Então, esse ser fenomenal, que consegue

odiar e ouvir rádio ao mesmo tempo, repete, com voz quebrada, a temperatura e comunica que vai aguardar o café na cama.

*Felizmente!*, celebras; nada melhor do que um café da manhã em silêncio. Assim, enquanto a muito usada cafeteira italiana comprada na Argentina faz a parte dela, isto é, cõa o café, tu, por tua parte, untas com margarina e mel duas fatias de pão, que sobrepões uma à outra e cortas em dois triângulos-retângulos, os quais arranjas num prato pintado com lírios. Esse prato – como a cafeteira ítalo-argentina e quase tudo que há na casa – pertencera à Velha. Procuras um pires e uma xícara que combinem entre si. Medes as oito gotas de adoçante. A cafeteira dá o sinal. Desligas o fogão. Vertes o café na xícara. Preto. Tua mulher não bebe leite, o que é uma pena; o leite amacia, enternece. Tudo posto numa bandeja, levás o café até o quarto. Ela, avisada pelos aromas, já tem os braços estendidos para receber a bandeja. Voltas para a cozinha e pões a ferver, numa caneca, a exata medida de três quartos de xícara de leite. Pões café no fundo da caneca de louça que ganhaste de uns alunos. O leite ferve; o misturas ao café. Não usas açúcar e também não comes pão. Separas quatro bolachas salgadas e fazes com elas dois sanduíches recheados com margarina. Sentas num banquinho, diante da mesa de dois lugares. Prestas atenção ao rádio. O locutor sublinha a temperatura: quatorze graus. Terás de usar um pulôver, o que tem um lado positivo: as manchas de suor da camisa não ficarão muito à vista.

O rádio anuncia que o Governo encaminhará, nos próximos dias, uma proposta de aumento para os professores. Até que enfim! Claro que isso ainda vai longe, pois a primeira proposta sempre é muito baixa, é preciso negociar, promover assembleias, dias de protesto, paralisações e tudo mais. Conheces isso desde os vinte e poucos anos: luta-se, primeiro, para ganhar um pouco mais; depois, para perder o menos possível. Nesses últimos anos, tem-se perdido muito.

Volta ao quarto para apanhar o pulôver. Tua mulher retomou o sono. Abres, com todo vagar, o guarda-roupa. A porta range. Tua mulher se inquieta, mas não chega a acordar. Usando o tato, encontras a malha. Sais do quarto para vesti-la. Teus sapatos já estão na sala, e também o pafetó e a pasta com o bloco de anotações. Deixas na saleta, todas as noites, o que vais precisar na manhã seguinte. Falhaste no pulôver, porque ontem não estava frio. Sentas na poltrona onde a tua sogra fez os derradeiros crochês e, por um segundo, teus olhos são atraídos para o medonho retrato dos avós de tua mulher. Arqueados sob um vidro convexo, e falsamente coloridos, os então recém-casados parecem muito velhos com seus olhos medrosos. Logo, porém, tens de abandonar essas considerações metafísicas porque é tempo de calçar os sapatos e prosseguir na rotina diária.

*Sete e trinta*, avisa o locutor, antes que desligues o rádio. Pronto para sair, verificas se todas as luzes estão apagadas. Apanhas o lixo, pois hoje é dia de recolhimento. Abres e fechas a porta da frente com muito cuidado. Nada de barulhos, para não despertar o vulcão adormecido. Porque, mais do que ninguém, tu sabes: o rio ardente da lava, uma vez desencadeado, não encontra freios nas matas, nem nas plantações, nem mesmo nas casas; tampouco nos lancinantes gritos humanos e animais. De nada valem as mãos espalmadas num gesto de *pare!* Só o mar, gelado, detém a massa incandescente e a reduz a cinzas. Só o mar, furioso, sufoca o rugido do vulcão. Já pensaste sobre isso, desistindo. O mar – gelado e furioso – não faz bem ao poeta.